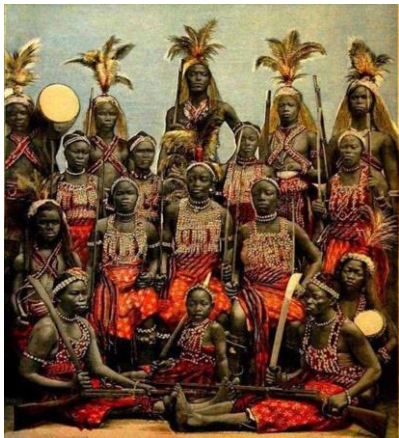


História/África:



Amazons do Daomé: guerreiras africanas do Daomé, também conhecidas como as guerreiras de Mino (atual Benin). Exército de mulheres criado no início do século XVII, e por quase 200 anos dominou e prevaleceu invicto. As amazons do Daomé eram mulheres altas e fisicamente fortes, rigidamente disciplinadas. Elas utilizavam como vestimentas uma túnica e um par de calças na altura do joelho e usavam diversas armas, incluindo espadas curtas, adagas, machados, arcos e lanças. No século XIX foi adicionada aos utensílios de luta até mesmo armas de fogo. Além de participar dos combates, também realizavam tarefas de carrasco, fazendo execuções de prisioneiros.

Arte/Grafite:



Artista francesa YZ Yseult fez diversos grafites em Benin resgatando a história das amazons de Daomé.



Texto 3 – O segundo Sexo

Autora: Simone de Beauvoir

Fonte: *O Segundo Sexo*, Simone de Beauvoir, in

<http://brasil.indymedia.org/media/2008/01/409660.pdf>, pp. 81-86.

Fábio Mesquita: material extra (coluna esquerda) e edição do texto.

O MUNDO sempre pertenceu aos machos. Nenhuma das razões que nos propuseram para explicá-lo nos pareceu suficiente. É revendo à luz da **filosofia existencial** os dados da pré-história e da etnografia que poderemos compreender como a **hierarquia dos sexos se estabeleceu**. Já verificamos que, quando duas categorias humanas se acham em presença, **cada uma delas quer impor à outra sua soberania**; quando ambas estão em estado de sustentar a reivindicação, cria-se entre elas, seja na hostilidade, seja na amizade, sempre na tensão, uma relação de reciprocidade. **Se uma das duas é privilegiada, ela domina a outra e tudo faz para mantê-la na opressão. Compreende-se, pois que o homem tenha tido vontade de dominar a mulher. Mas que privilégio lhe permitiu satisfazer essa vontade?**

As informações que fornecem os **etnógrafos** acerca das formas primitivas da sociedade humana são **terrivelmente contraditórias** e tanto mais quanto eles são mais bem informados e menos sistemáticos. É singularmente difícil ter uma ideia da situação da mulher no período que precedeu o da agricultura. Não se sabe sequer se, em condições de vida tão diferentes das de hoje, a musculatura da mulher, seu aparelho respiratório, não eram tão desenvolvidos como os do homem. **Duros trabalhos eram-lhe confiados e, em particular, ela é que carregava os fardos.** Entretanto, este último fato é ambíguo: é possível que essa função lhe fosse determinada para que, nos comboios, o homem conservasse as mãos livres a fim de defender-se contra os agressores ocasionais, indivíduos ou animais.

Seu papel era, portanto, o mais perigoso e o que exigia **mais vigor**. Parece, entretanto, que **em muitos casos as mulheres eram bastante robustas e resistentes para participar das expedições dos guerreiros.** Segundo as narrativas de Heródoto, as descrições relativas às **amazons do Daomé** e muitos outros testemunhos antigos e modernos, aconteceu **mulheres tomarem parte em guerras e vinditas sangrentas.** Mostravam nessas ocasiões **a mesma coragem e a mesma crueldade que os homens.** Citam-se algumas que mordiam ferozmente o fígado de seus inimigos. **Apesar de tudo,** é provável que, então como hoje, **os homens tivessem o privilégio da força física.** Na era da maça e das feras, na era em que as resistências da Natureza atingiam um ponto máximo e as ferramentas eram as mais elementares, **essa superioridade devia ter uma enorme importância.** Em todo caso, por robustas

Vocabulário:

Handicap: termo inglês que significa vantagem ou desvantagem. Pode significar também obstáculos, dificuldades, incapacidade. Beauvoir utiliza tal conceito referindo-se ao segundo sentido (obstáculo).

Filosofia/Matemática:



Hipácia (350 d.C. – 415 d. C.)

Filósofa neoplatonista, matemática e astrônoma do “Egito Romano”. É considerada a primeira mulher da matemática e a última intelectual de destaque da Alexandria. Foi morta de forma brutal, acusada de bruxaria.

Filmes/Cinema:



Alexandria (Ágora) – 2009

Direção: Alejandro Amenábar.



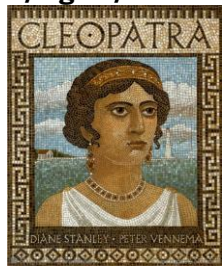
A atriz britânica Rachel Weisz interpretou a filósofa Hipácia na superprodução espanhola *Alexandria (Ágora)*.

que fossem as mulheres, na luta contra o mundo hostil as **servidões da reprodução** representavam para elas um terrível **handicap**: conta-se que as amazonas mutilavam os seios, o que significava que, pelo menos durante o período de sua vida guerreira, **recusavam a maternidade**. Quanto às **mulheres normais**, a gravidez, o parto, a menstruação diminuíam sua capacidade de trabalho e condenavam-nas a longos períodos de **impotência**. Para se defender contra os inimigos, para assegurar sua manutenção e a da prole, elas necessitavam da proteção dos guerreiros, e do produto da caça, da pesca a que se dedicavam os homens; como não havia evidentemente nenhum controle dos nascimentos, como a Natureza não assegura à mulher períodos de esterilidade como às demais fêmeas de mamíferos, **as maternidades repetidas deviam absorver a maior parte de suas forças e de seu tempo**. Não eram capazes de assegurar a vida dos filhos que pariam. E eis um primeiro fato de pesadas consequências: **os primeiros tempos da espécie humana foram difíceis**. Os povos coletores, caçadores e pescadores só extraíam do solo poucas riquezas e à custa de duros esforços. Nasciam crianças demais em relação aos recursos da coletividade; **a fecundidade absurda da mulher impedia-a de participar ativamente na ampliação desses recursos**, ao passo que criava indefinidamente novas necessidades. Imprescindível à perpetuação da espécie, perpetuava-se de maneira exagerada: o homem é que assegurava o equilíbrio da reprodução e da produção. Assim, a mulher não tinha sequer o privilégio de manter a vida em face do macho procriador; não desempenhava o papel do óvulo em relação ao espermatozoide, da matriz em relação ao falo; só tinha uma parte no esforço da espécie humana por perseverar em seu ser, e era graças ao homem que esse esforço se realiza concretamente.

Entretanto, como o equilíbrio da produção-reprodução consegue sempre estabelecer-se, ainda que à custa de infanticídios, de sacrifícios, de guerras, **homens e mulheres do ponto de vista da sobrevivência coletiva são igualmente necessários**. Poder-se-ia mesmo supor que, em certos estágios de abundância alimentar, **seu papel protetor e nutritivo tenha subordinado o macho à mulher-mãe**. Há fêmeas animais que encontram na maternidade uma completa autonomia; **por que a mulher não conseguiu fazer disso um pedestal?**

Mesmo nos momentos em que a humanidade reclamava mais asperamente maior número de nascimentos, a necessidade de mão-de-obra superando a de matérias-primas a explorar, mesmo nas épocas em que a maternidade foi mais venerada, **não permitiu ela que as mulheres conquistassem o primeiro lugar**. A razão está em que a humanidade não é uma simples espécie natural: ela não procura manter-se enquanto

História/Egito/Rainha:



Cleóprata (69 a.C. a 30 a. C.)

Uma das mais famosas faraós do Egito Antigo. Ela consumou uma ligação com Júlio César (Roma), que solidificou sua permanência no trono. Mais tarde, ela elevou seu filho com César, Cesário, para corregente. Cleóprata foi uma grande negociante, estrategista militar, falava seis idiomas e conhecia filosofia, literatura e arte gregas.

Filme/Cinema:

Cleopatra (1963)

Direção: Rouben Mamoulian

Elenco: Elizabeth Taylor



O filme foi criticado por representar uma Cleopatra branca/caucasiana, distante dos traços possíveis da real Cleóprata. Compare com a imagem acima.

História/França:



Joana D'Arc (1412-1431)

Joana d'Arc é uma heroína francesa e santa da igreja católica. Líder militar da Guerra dos Cem Anos. Sem nenhum conhecimento militar, convenceu na base da fé um pequeno grupo de soldados a acompanhá-la. A camponesa obteve o que parecia impossível: seu próprio exército, de cerca de 7 mil homens, e a autorização real para marchar até Orleans (a 130 km de Paris) e livrá-la do cerco inglês.

espécie; seu projeto não é a estagnação: ela tende a superar-se.

As hordas primitivas quase não se interessavam pela sua posteridade. Não estando fixadas em um território, nada possuindo, não se encarnando em nenhuma coisa estável, não podiam ter nenhuma ideia concreta da permanência. Não tinham a preocupação de sobreviver a si mesmas e não se reconheciam na sua descendência: não temiam a morte e não reclamavam herdeiros; os filhos constituíam para elas um encargo e não uma riqueza; a prova está em que os infanticídios foram numerosos entre os povos nômades e muitos recém-nascidos que não eram exterminados morriam por falta de higiene em meio à indiferença geral. A mulher que engendra não conhece pois o orgulho da criação; sente-se o joguete passivo de forças obscuras e o parto doloroso é um acidente inútil e até importuno. Mais tarde, deu-se maior importância ao filho. Contudo, engendrar, aleitar não são atividades, são funções naturais; nenhum projeto nelas se empenha. Eis por que nelas a mulher não encontra motivo para uma afirmação ativa de sua existência: ela suporta passivamente seu destino biológico. Os trabalhos domésticos a que está votada, porque só eles são conciliáveis com os encargos da maternidade, encerram-na na repetição e na imanência; reproduzem-se dia após dia sob uma forma idêntica que se perpetua quase sem modificação através dos séculos: não produzem nada de novo. O caso do homem é radicalmente diferente; ele não alimenta a coletividade à maneira das abelhas operárias mediante simples processo vital e sim com atos que transcendem sua condição animal. O *homo faber* é desde a origem dos tempos um inventor: já o bastão e a maça com que se arma para derrubar os frutos ou derrubar os animais, são instrumentos com os quais ele aumenta seu domínio sobre o mundo. Não se atém a transportar para o lar peixes pegados nas águas, cumpre-lhe primeiramente assenhorear-se destas fabricando pirogas: para apossar-se das riquezas do mundo, ele anexa o próprio mundo. Nessa ação, experimenta seu poder: põe objetivos, projeta caminhos em direção a eles, realiza-se como existente. Para manter, cria; supera o presente, abre o futuro. Eis porque as expedições de caça e pesca assumem um caráter sagrado. Acolhem-se os seus êxitos com festas e triunfos; o homem neles conhece sua humanidade. Esse orgulho, ele o manifesta ainda hoje quando constrói uma barragem, um arranha-céu, uma pilha atômica. Não trabalhou somente para conservar o mundo dado: dilatou-lhes as fronteiras, lançou bases de um novo futuro.

Sua atividade tem outra dimensão que lhe dá sua **suprema dignidade**, e ela é amiúde perigosa. Se o sangue não passasse de alimento, não teria mais valor que o leite; mas o caçador não é um carniceiro: na luta contra os animais selvagens corre riscos. O guerreiro põe em jogo a própria vida

Arte:
Camille Claudel (1864-1943)



Texto: Fernanda S. Franco
Historinha do oito de março

Em janeiro, durante a viagem à Paris, dentre os muitos museus incríveis que pude conhecer, um dos destinos certos era o Museu Rodin. Afinal, conhecer o *Pensador*, os *Portões do Inferno* é conhecer a genialidade de um artista inigualável.

No entanto, naquele museu, eu entrei diferente. Porque ali estava a narrativa de vida de Camille Claudel.

Camille foi uma jovem brilhante, reconhecidamente brilhante, na arte da escultura tanto por seu amante e tutor, Rodin, como por toda a classe artística parisiense do virar do século XIX ao XX. Rodin afirmava inclusive que Camille influenciou a obra dele como nenhum outro artista e que muitas vezes ele se assombrou com a habilidade dela, muito superior à dele, e se inspirou em sua visão artística. Foi ela inclusive a responsável por todas as mãos e pés dos *Portões do Inferno* (é notório que Rodin explorava seus aprendizes sem qualquer menção no crédito das obras). Camille era muito mais jovem que o seu "mestre"; eles eram amantes. Ele a abandonou.

Rodin, já ao fim da vida, decidiu que aquele prédio seria o museu que levaria seu nome, decidiu quais obras suas deveriam ficar para a humanidade ali. Porque Rodin era bom demais e artista demais para não ser reconhecido.

Camille terminou sua vida em um hospício, morreu sozinha e mal cuidada, sem acesso a qualquer possibilidade de criar após décadas ali trancada, considerada louca porque... era boa demais e livre demais para uma mulher.

Ver ali ao vivo em meio a tantas odes ao ego do artista uma sala tímida dedicada a ela e que tinha em seu centro a escultura *l'age mûr*, o retrato de Camille jovem, desesperada clamando por Rodin, que a deixa pela companhia segura, a velhice, essa, que é a última obra de uma artista que poderia ter sido, foi um dos momentos mais belos e mais tristes que a arte já me proporcionou. Porque se Camille fosse Rodin, *L'age mûr* seria maior que *O Pensador*; ela é genial, o apogeu do encontro entre técnica, beleza e catarse artística.

Mas Camille era apenas Camille.

Hoje é oito de março, Camille. Lutamos hoje para que um dia essa data seja de comemoração."

para aumentar o prestígio da horda e do clã a que pertence. Com isso, **prova de maneira convincente que a vida não é para o homem o valor supremo**, que ela deve servir a fins mais importantes do que ela própria. A maior maldição que pesa sobre a mulher é estar excluída das expedições guerreiras. Não é dando a vida, **é arriscando-a que o homem se ergue acima do animal**; eis por que, na humanidade, a superioridade é outorgada não ao sexo que engendra e sim ao que mata.

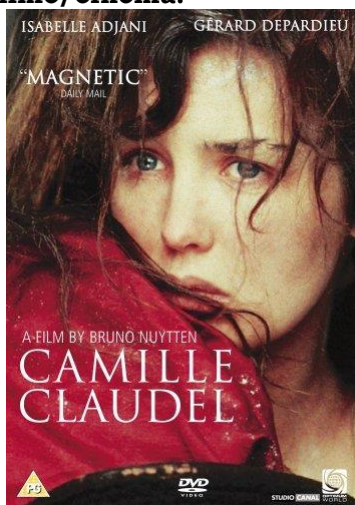
Temos aqui a chave de todo o mistério. No nível da biologia é somente criando-se inteiramente de novo que uma espécie se mantém; mas essa criação não passa de uma repetição da mesma Vida sob formas diferentes. **É transcendendo a Vida pela Existência que o homem assegura a repetição da Vida: com essa superação, ele cria valores que denegam qualquer valor à repetição simples.** No animal, a gratuidade, a variedade das atividades do macho permanecem vãs porque nenhum projeto o habita; quando não serve a espécie, o que faz não é nada; ao passo que, servindo a espécie, **o macho humano molda a face do mundo, cria instrumentos novos, inventa, forja um futuro.** Pondo-se como soberano, ele encontra a cumplicidade da própria mulher, porque ela é também um **existente, ela é habitada pela transcendência e seu projeto não está na repetição e sim na sua superação em vista de um futuro diferente; ela acha no fundo de seu ser a confirmação das pretensões masculinas.** Associa-se aos homens nas festas que celebram os êxitos e as vitórias dos machos. Sua desgraça consiste em ter sido biologicamente votada a repetir a Vida, quando a seus próprios olhos a Vida não apresenta em si suas razões de ser e essas razões são mais importantes do que a própria vida.

Certas passagens da dialética com que **Hegel** define a relação do **senhor com o escravo** se aplicariam muito melhor à relação do **homem com a mulher**. O privilégio do senhor, diz, vem de que afirma o Espírito contra a Vida pelo fato de arriscar sua vida; mas, na realidade, o escravo vencido conheceu o mesmo risco, **ao passo que a mulher é originalmente um existente que dá a Vida e não arrisca sua vida: entre ela e o macho nunca houve combate.** A definição de **Hegel** aplica-se singularmente a ela. "A outra [consciência] é a consciência dependente para a qual a realidade essencial é a vida animal, isto é, o ser dado por uma entidade outra." Mas essa relação distingue-se da relação de opressão porque a mulher visa e reconhece, ela também, os valores que são concretamente atingidos pelo homem: ele é que abre o futuro para o qual transcende. **Em verdade, as mulheres nunca opuseram valores femininos aos valores masculinos; foram os homens, desejosos de manter as prerrogativas masculinas, que inventaram essa divisão: entenderam criar um campo de domínio feminino — reinado da vida, da imanência — tão-somente para nele**

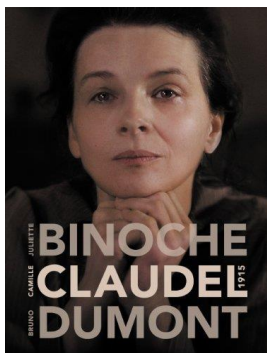


Obra: L'âge mur (Idade madura)
Data: 1898-1913
Técnica: Prata e Bronze
Local: Musée d'Orsay e Musée Rodin, Paris, França.

Filme/cinema:



Camille Claudel (1988)
Direção: Bruno Nuytten



Camille Claudel 1915 (2013)
Direção: Bruno Dumont

Adélia Prado

Com licença poética

*Quando nasci um anjo esbelto,
desses que tocam trombeta, anunciou:
vai carregar bandeira.
Cargo muito pesado pra mulher,
esta espécie ainda envergonhada.
Aceito os subterfúgios que me cabem,
sem precisar mentir.
Não sou feia que não possa casar,*

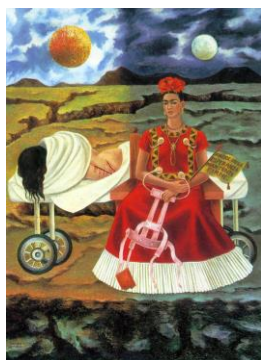
encerrar a mulher; mas é além de toda especificação sexual que o existente procura sua justificação no movimento de sua transcendência: a própria submissão da mulher é a prova disso. **O que elas reivindicam hoje é serem reconhecidas como existentes ao mesmo título que os homens e não de sujeitar a existência à vida, o homem à sua animalidade.**

Uma **perspectiva existencial** permitiu-nos, pois, compreender como a situação biológica e econômica das hordas primitivas devia acarretar a supremacia dos machos. A fêmea, mais do que o macho, **é presa da espécie**; a humanidade sempre procurou evadir-se de seu destino específico; pela invenção da ferramenta, a manutenção da vida tornou-se para o homem atividade e projeto, ao passo que **na maternidade a mulher continua amarrada a seu corpo, como o animal**. É porque a humanidade se põe em questão em seu ser, isto é, prefere razões de viver à vida, que perante a mulher o homem se põe como senhor; o projeto do homem não é repetir-se no tempo, é reinar sobre o instante e construir o futuro. Foi a atividade do macho que, criando valores, constituiu a existência, ela própria, como valor: **venceu as forças confusas da vida, escravizou a Natureza e a Mulher**. Cabe-nos ver agora como essa situação se perpetuou e evoluiu através dos séculos. Que lugar deu a humanidade a essa parte de si mesma que em seu seio se definiu como o Outro? Que direitos lhe reconheceram? Como a definiram os homens?

Atividade 1 – Para saber mais.

Coletânea de mulheres extraordinárias:

Arte: Frida Kahlo (1907-1954)

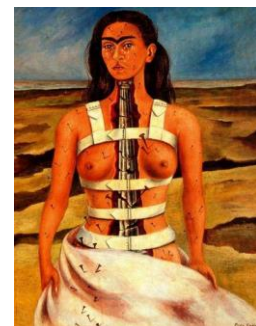


Em seu diário, publicado em 1995 e traduzido para diversas línguas, e em sua autobiografia publicada em 1953, Frida deixou registradas suas dores e sobretudo suas frustrações pela infidelidade do marido, por quem era extremamente apaixonada, e pela impossibilidade de ter filhos. Toda sua obra, constituída majoritariamente por autorretratos reflete essa condição.

Sua primeira tragédia acontece quando ela tinha seis anos e uma poliomielite a deixou de cama por vários dias. Como sequela, Frida fica com um dos pés atrofiado e uma perna mais fina que a outra. Mas o fato trágico que mudaria sua vida para sempre aconteceu quando ela tinha dezoito anos.

Frida na época estudava medicina na primeira turma feminina da escola Preparatória Nacional. Então, no dia 17 de setembro de 1925, na volta para casa, ela e seu noivo Alejandro Gómez Arias, sofreram um grave acidente de ônibus que a deixou a beira da morte. Transpassada por uma barra de ferro pelo abdômen e sofrendo múltiplas fraturas, inclusive na coluna vertebral Frida levou vários meses para se recuperar. Ao todo foram necessárias 35 cirurgias e mesmo depois da recuperação ela teria complicações por causa do acidente pelo resto de sua vida chegando a relatar : “E a sensação nunca mais me deixou, de que meu corpo carrega em si todas as chagas do mundo.”

Fonte e texto completo: <http://www.infoescola.com/biografias/frida-kahlo/>



História/Rússia:

Valentina Tereshkova (1937-)

Foi a primeira mulher a viajar para o espaço, em 16 de junho de 1963. Ela encarnava o ideal soviético completamente. Nasceu em uma família comunista de trabalhadores operários e rurais na Rússia. Seu pai era motorista de trator e, sua mãe, funcionária de uma fábrica têxtil. Desde cedo, a jovem já curti se aventurar - e esse foi um dos fatores determinantes para a sua escolha. Por gosto, começou a participar de um clube de paraquedistas amadores e deu seu primeiro salto aos 22 anos.



Arte/França:

Coco Chanel (1883-1971)

Agradeça a Gabrielle Bonheur Chanel por poder usar suas calças compridas e seu vestidinho tubinho. A estilista francesa inverteu os padrões da moda nos anos 20 e conseguiu atribuir ao vestuário feminino, peças masculinas e roupas que valorizam as curvas. Para completar, lançou o clássico perfume Chanel n°5 (seu número da sorte) e o corte acima dos ombros.

História Brasil:

Maria da Penha Maia Fernandes (1945 - ...)

Por trás de um nome simples está uma das mulheres mais importantes da história recente do Brasil. Maria da Penha Maia Fernandes é líder de movimentos de defesa dos direitos das mulheres e vítima de violência doméstica — ficou paraplégica ao levar um tiro do marido enquanto dormia.

O nome dela virou Lei em 2006, estabelecendo o aumento das punições às agressões contra a mulher e uma série de medidas para proteger a integridade física e psicológica de mulheres vítimas de violência.

